

APENAS UM DEBOCHE COMERCIAL

No ano passado o presidente da República afirmou que o País carecia de heróis. Foi replicado que "triste do País que precisa de heróis". Eu treplico: triste é o País que tendo heróis na luta pela liberdade não os respeita, nem os venera no processo da construção da Pátria e da Nação.

No dia 13 de janeiro, completaram 180 anos do fuzilamento do Frei Joaquim do Amor Divino Rabello e Caneca – Frei Caneca.

Em todo o País apenas um registro no Diário de Pernambuco pelo escritor Cláudio Aguiar, pedindo a construção de um memorial na praça do Forte de Cinco Pontas, onde se deu a execução.

Nenhum membro dos poderes: executivo, legislativo e judiciário, nem dos institutos históricos dos Estados de Pernambuco, Alagoas e Paraíba – que fizeram parte da Confederação do Equador – se manifestaram. Uma omissão imperdoável no regime republicano pelo qual morreram milhares de brasileiros torturados, enforcados e esquartejados pelo filho de dona Maria Louca.

A Venezuela erigiu, em praça pública, uma estátua em homenagem ao general brasileiro Abreu e Lima que lutou ao lado de Simon Bolívar e era filho de um dos líderes da Revolução Republicana de 1817.

A execução de Frei Caneca é uma página ímpar na história brasileira. Ele foi condenado por Dom Pedro I a ter uma morte com desonra, ou seja, ser enforcado e esquartejado e seu corpo espalhado pelo Recife, Olinda e Pernambuco. Com o barão no pescoço de Frei Caneca, o carrasco Agostinho Vieira se nega a puxar a corda. Matam-no a coronhadas e chamam seu ajudante Nicolau: este também se nega. Também o matam a coronhadas. Chamam um terceiro escravo negro de nome Salvador, que, igualmente, se nega de executar o frade. Antes de o matarem a coronhadas ele grita: "Viva Nossa Senhora do Carmo e morram os inimigos da liberdade!". O juiz executor da sentença manda então um oficial do Exército à cadeia pública buscar alguém para servir de carrasco. Nenhum dos presos condenados à morte e à prisão perpétua aceitam a injuriosa tarefa. Tiveram então que fuzilar Frei Caneca. O que era considerado uma honra militar.

Em Brasília, apenas um deboche comercial. Na Entrequadra Sul 111, existe a cervejaria "Frei Caneca". Na fachada, um desenho de um frade franciscano – com a tonsura, o hábito e o cordão – rotundo e adiposo, com bochechas avermelhadas tão comuns em alcoólatras quase cirróticos.

Fiquei pensando no desagravo que eu poderia fazer aos alagoanos, paraibanos, pernambucanos e baianos que lutaram ao lado de Frei Caneca pela instalação de um regime republicano e, principalmente, os milhares que foram torturados, mortos e esquartejados pelo filho de Carlota Joaquina.

Decidi, ao invés de criar uma “Galeria Dom João VI”, vou pedir ao senador Tião Viana que emende um projeto da Deputada Raquel Teixeira, colocando o Arquivo Nacional, A Biblioteca Nacional e o Instituto Histórico e Geográfico como partícipes do Congresso Nacional na escolha dos heróis que devam ser inscritos no Panteão da Pátria.

**Jarbas Silva Marques
Diretor da Diretoria de Patrimônio
Histórico e Artístico-DePHA e
2º Vice-Presidente do Instituto Histórico
e Geográfico do DF.**